

O USO DO VERBO HAVER NAS CARTAS OFICIAIS DA PARAÍBA DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Adivânia França de Moura (UFPB)
Maria Cristina de Assis Pinto Fonseca (UFPB)

1. Introdução

O verbo haver é apontado na gramática normativa do português brasileiro como impessoal quando aparece em frases existências ou indica tempo decorrido. Entretanto, na língua falada e até mesmo na escrita e existem registros em que esse verbo impessoal encontra-se flexionado. Esse fato freqüente na língua portuguesa, assim como todo fenômeno lingüístico, não é recente na língua, pois já era conhecido em fase anteriores do português.

Partindo desse pressuposto, objetivamos neste trabalho analisar o verbo haver em sua impessoalidade nas cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX numa perspectiva diacrônica. Buscamos comprovar que o uso desse verbo em frases existenciais flexionado, comum no português falado e escrito pelo brasileiro, não é uma inovação lingüística dos tempos modernos.

Propomos inicialmente neste trabalho, realizar um percurso sobre o verbo haver desde suas origens no latim como verbo de posse, passando pelo período arcaico quando já era usado como existencial e auxiliar, até chegar ao português contemporâneo. Em seguida, apresentamos a análise do *corpus* selecionado para o estudo do verbo em questão. Para isso, utilizamos gramáticas históricas (NUNES, 1975) e outros estudos sobre a língua portuguesa (ALI, 1964), (FONSECA, 1986) e (SILVA, 2002).

O *corpus* analisado é constituído de 203 cartas oficiais da Paraíba de caráter administrativo, escritas no período Colonial e Imperial do Brasil. Os documentos encontram-se digitalizados, conforme seus originais conservados no Arquivo histórico da Paraíba, no CD-ROM *Cartas Oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX*. Esse CD é uma produção do projeto *História do Português da Paraíba* da UFPB. As cartas apresentam grande variedade no tocante o uso das regras da escrita, pois muitas delas foram redigidas por profissionais da escrita que não tinham muito conhecimento da norma culta.

Por apresentar essa característica peculiar, fizemos a escolha desses documentos visando comprovar se mesmo em textos de caráter formal de séculos anteriores o verbo haver impessoal apresenta-se flexionado para assim explicar seu uso no português contemporâneo.

2. Um breve percurso sobre o verbo haver

A etimologia do verbo haver nos revela que seu significado primitivo diverge do uso aplicado ao português brasileiro dos nossos dias – o de verbo impessoal. Estudos como o de Silva (2002) nos mostra que esse verbo no período arcaico do português não era usado apenas em sua impessoalidade como também na função de auxiliar.

O verbo haver origina-se de *habere* verbo de posse no latim padrão ou *sermo eruditus*, usado pelas classes cultas de Roma que detinham o conhecimento da norma culta literária. Conforme Silva (2002, p.139) no seu estudo *Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros*, a acepção principal de *habere* é “*ter posse em e*, subsequentemente, ocorre em usos figurados como *ter na mão, obter*”. Mais a frente, acrescenta a autora, que “*tenere* sinônimo de *habere*, tinha como acepção básica *ter algo na mão*, sendo secundárias as significações *manter, reter*”.

Com surgimento do *sermo vulgaris* ou latim vulgar, língua falada pela massa popular analfabeta e menos favorecida do Império Romano, o verbo *habere* passou a ocorrer com a acepção genérica de verbo existencial.

Silva (2002) afirma que no período arcaico do português (séculos XIII e XV), concorreram nesse contexto existencial os verbos *esse* (verbo ser) e *habere*. No *sermo eruditus*, *esse* era usado

no sentido de existir. Sendo assim, a frase *Há livros no sermo vulgaris* era *Aquilis habet libros*, e no sermo eruditus, *Libri sunt*. A autora completa que haver é dominante em variação com o etimológico ser por todo período arcaico, só no início do século VXI ter entra em cena como verbo existencial.

Nunes (1975) no seu *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia* confirma o uso de haver em suas origens e explica a forma em que aparece esse verbo quando impessoal:

Na antiga língua foi este verbo muito usado como sinônimo de existir, mas, a par essa significação, possuía já então outra idêntica à que no latim tinha e ainda conserva o verbo ser; neste sentido, que é hoje o mais usual e no qual se emprega na terceira pessoa do singular, vinha o verbo haver frequentemente acompanhado, no presente do indicativo, do advérbio de lugar *i*; aconteceu, porém, que este, que em geral estava separado daquele, se lhe juntou às vezes, produzindo assim a forma *hai*, que ocorre nos clássicos e hoje subsiste apenas na linguagem popular (NUNES, 1975, p. 298).

Segundo o autor, a forma *hai* usada no português arcaico que hoje é freqüente na forma *há* da língua portuguesa moderna, é decorrente do acréscimo de *i* entre o verbo e o advérbio conforme ainda faz a língua francesa, como podemos ver neste exemplo: *nom a ja i al*. (NUNES, 1975: p. 298)

Silva (2002) no estudo mencionado anteriormente observa também o uso do verbo haver como auxiliar e afirma que este era mais selecionado para a formação de tempos compostos no português arcaico que o verbo ter. De acordo com a autora, as construções perifrásticas são inovações das línguas românicas que surgiram a partir do *sermo vulgaris* para suprir as inúmeras flexões do latim padrão não assimiladas pela plebe. Assim, eram comuns no latim popular as perífrases com o verbo haver: *cantare habeo* > cantarei, *amare habebam* > amaria, *debere habet* > deverá) etc.

Essas ocorrências do verbo haver como auxiliar e impessoal existentes no latim popular justificam seu uso no português brasileiro contemporâneo. Por isso, hoje é muito comum utilizarmos haver como impessoal, às vezes, sendo confundido com ter na língua falada e também como auxiliar, principalmente com particípio *havia feito*, *havia falado*, etc.

3. O verbo haver impessoal nas cartas oficiais da Paraíba nos séculos XVIII e XIX

As gramáticas normativas do português contemporâneo prescrevem que o verbo haver quando usado impessoalmente deve ficar na terceira pessoa do singular. A impessoalidade de haver ocorre quando ele é empregado como sinônimo de existir, acontecer ou quando indica tempo decorrido.

No corpus analisado composto de 203 Cartas Oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX, observamos que há nestes documentos uma primazia pelo uso de haver não flexionado na maioria dos casos em que esse verbo aparece como impessoal, conforme a norma acima estabelecida pela gramática prescritiva. Essa preferência dos autores das cartas pela norma padrão do português brasileiro, ocorre devido ao caráter oficial dos documentos que exige o uso da norma culta, haja vista que as cartas circulavam entre grandes autoridades e pessoas famosas na antiga província da Paraíba.

Os exemplos a seguir confirmam a impessoalidade do verbo haver nos documentos analisados:

*...desceo com efeito, e aqui se acha segundo metem constado **há**doze dias... (c.4)*

*...Fico sciente da madeira que fica no Porto decento e trinta carros, como tam bem denão **haver** Embarcação, que faça Comercio de Porto a Porto... (c. 18)*

*...sem se desconjunta Achando juntamente que na dita Fortaleza **havia**hua casa de Tijolo...*
(c.41)

No primeiro exemplo, o verbo haver é impessoal por se referir a expressão *doze dias* que indica tempo decorrido. São poucos os casos encontrados com haver impessoal no sentido de tempo passado, porque haver existencial supera nas cartas esse tipo de construção. Nos outros exemplos, a impessoalidade do verbo em questão é ratificada pelo uso da terceira pessoa do singular e pelo emprego de *Embacação* e *casa de Tijolo*, respectivamente, como objeto direto.

Nesse contexto existencial, observamos nos documentos a concorrência entre ter e haver tal como ocorria nos fins do período arcaico do português. Mas, nas cartas haver impessoal prevalece sobre ter que aparece em algumas ocorrências. Não nos deteremos na análise da troca de ter por haver existencial, posto que não é o objetivo deste trabalho.

Nas cartas analisadas encontramos ocorrências de haver no plural, mesmo quando empregado como sinônimo de existir. Sendo o primeiro escrito no século XVIII e o segundo no século XIX, respectivamente:

...estas deverá Vossa Senhoria fazer dos mossos que houverem nessa cidade... (c. 39)

...fes que muitas pessoas hontem, me= diSseçem que havião mesmo a que casas com muitas Sacas de Farinha... (c. 131)

No primeiro caso, a impessoalidade do verbo haver é confirmada pela referência à existência de várias pessoas que nesse exemplo está representado pela expressão *dos mossos*. No outro, haver se refere à existência de *casas com muitas Sacas de Farinha* complemento do verbo. Em ambos os casos, constatamos que o aspecto semântico prevaleceu sobre o sintático, porque o verbo haver permaneceu no plural.

Na tabela a seguir, estão dispostas as ocorrências do verbo haver em sua impessoalidade, no sentido de existir flexionado e não flexionado, no sentido de tempo decorrido, como também, os casos em que haver concorre com ter em contextos existenciais.

Verbo haver	Casos
Existencial não flexionado	44
Existencial flexionado	2
Tempo decorrido	6
Ter/ haver	6

Said Ali na sua *Gramática histórica da língua portuguesa* explica que o verbo haver, nas vezes de existir, já se encontrava no plural em textos literários do século XVIII: “Em escritores notáveis do século XIX têm-se apontado vários exemplos de orações existenciais com houveram, houvessem etc no plural (...) mas a novidade vem de mais longe. De Matias Aires de 1752, século XVIII.” Ali (1964, p. 305)

Silva (2002) revela que encontrou no seu estudo sobre *Os usos e teorias em João de Barros* textos do século XVI escritos nos anos quarenta e cinquenta, evidências de haver como verbo existencial com concordância no plural. E acrescenta que o verbo haver flexionado como sinônimo de existir já tinha aflorado em dados de 1500 na carta de Caminha, antecipando, dessa forma, a informação vista como novidade por (ALI, 1964).

Fonseca (1986) recua a novidade apontada por Said Ali para o século XII no seu estudo sobre a concordância verbal na *Demanda do Santo Graal* – romance trecentista português. A autora apresenta duas ocorrências na *Demanda* em que o verbo haver empregado como sinônimo de existir encontra-se no plural.

Nos exemplos seguintes, Fonseca (1986, p. 162) confirma que a construção do verbo haver no plural não era desconhecida na Idade Média:

- *Ora ouço maravilhas (...) nunca mais oui dizer de casa u houvessem tantos saudeus cavaleiros nem tam sisudos como em casa de rei Artur.*

...E nom haverám bondade nem virtude em que possam estar, que nom caiam no inferno.

Fonseca (1986: p. 162-163) explica que no primeiro caso “o advérbio de lugar confirma ao verbo haver um sentido existencial”. E acrescenta que “refere-se o verbo, nesse caso, à existência de vários seres, representados pela expressão *tam saudeus cavaleiros nem tam sisudos*”. No outro exemplo, argumenta que haver é existencial por que se “refere à existência de bondade nem virtude, seu complemento”.

Os casos encontrados na Demanda e nas cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX, em que o verbo haver impessoal aparece no plural, são considerados desvios da norma culta. No entanto, essas construções desse verbo no plural em contextos existenciais são muito frequentes no português brasileiro, principalmente na língua falada pelas pessoas de pouca escolaridade.

As cartas analisadas escritas durante o período colonial e imperial do Brasil, mesmo possuindo um caráter mais formal, apresentam o verbo haver no plural em frases existenciais. Isso ocorre por que muitos textos foram redigidos por profissionais da escrita que não tinham muita familiaridade com as regras gramaticais e, por esse motivo, deixam transparecer nas cartas marcas da oralidade.

Mesmo sendo considerado desvio pela norma culta, o verbo haver impessoal continua sendo usado na fala popular sem prejuízos na comunicação entre os falantes.

4. Conclusão

O verbo haver muito usado no português atual como impessoal, em suas origens no *latim padrão*, tinha como acepção principal *ter posse em* e em usos figurados *ter na mão, obter*. Com o aparecimento do *latim vulgar* passou a ser usado genericamente como verbo existencial e em construções de períodos compostos.

No período do português arcaico, haver (*habere*) concorria com ser (*esse*), verbo existencial no *sermo eruditus*, em construções existenciais, mas haver é dominante em relação ao etimológico ser nessa fase da língua portuguesa.

No tocante à análise das cartas oficiais da Paraíba, constatamos que há a preferência pelo verbo haver impessoal como sinônimo de existir de acordo com a norma estabelecida pela gramática prescritiva. Encontramos também alguns casos desse verbo em sua impessoalidade indicando tempo decorrido, porém o uso mais frequente é do verbo haver existencial.

Apesar de possuírem certo grau de formalidade, as cartas analisadas apresentam ocorrências em que o verbo haver em frases existenciais aparece no plural, uso muito frequente na fala das pessoas de baixa escolaridade. No entanto, esse desvio da norma padrão já ocorria em estágios anteriores do português como aponta Silva em João de Barros e na Carta de Caminha e também, Fonseca (1986) ao mostrar exemplos desse fenômeno na Demanda do Santo Graal, documento escrito no século XII.

O uso de haver como sinônimo de existir no plural, mesmo sendo considerado desvio das normas gramaticais, continua presente na fala dos brasileiros que não têm muita familiaridade com a gramática normativa. Mesmo com força de permanência na fala e na escrita, o emprego de haver impessoal no plural não consegue se estabelecer na norma escrita devido à rigidez desta e também por que essa construção não é generalizada tanto na fala como na escrita. Os falantes do português brasileiro preferem usar a terceira pessoa do singular. Segundo Fonseca (1986, p. 163) a preferência de haver impessoal no singular já ocorria no período latino, pois este verbo tinha sujeito próprio:

O uso do verbo haver no singular remonta ao período latino em que o verbo habere , haver, no seu sentido primitivo, teria sujeito próprio. O falante continuou a usar o verbo no singular mesmo depois que se modificou o sentido original do verbo e a noção deste sujeito foi esquecida (FONSECA, 1986, p. 163).

Ao analisarmos as cartas oficiais e observarmos casos encontrados na Demanda, concluímos que o uso de haver impessoal flexionado não é uma inovação do português atual. Esses textos comprovam que muitos fatos hoje considerados desvios da norma culta já eram conhecidos em fases anteriores ao português dos nossos dias.

Referências

- FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto (org.) (2004). *Cartas Oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: Idéia.
- _____. (1986). *A concordância verbal na Demanda do Santo Graal*. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia e FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado (org.) (2002). *O português quinhentista: Estudos lingüísticos*. EDUFBA/UEFS, Salvador.
- NUNES, Joaquim José (1975). *Compêndio de gramática histórica: fonética e morfologia*. Livraria Clássica Editora. Lisboa.
- SAID Ali, Manoel (1964). *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.